

Francisco 2

Francisco não foi um lutador de classe por ideologia. Este não era seu estilo. Mas ele demonstrava sua posição diferente com provocante simplicidade. Assim também ensinava seus irmãos. Uma mão cheia de companheiros virou uma Ordem, e algumas frases do Evangelho foram, em duas investidas, aprimoradas para uma regra de vida. Francisco podia viver com isto. No seu testamento, ele nos dá a entender como foi solitário o seu caminho. Este documento, para muitos, é o coração de todo o seu legado.

Há 800 anos Francisco e seus irmãos – sem esquecer Clara e suas irmãs - são fias e fios deste grande tecido que é a história da igreja, uma história de altos e baixos, cheios de erros e desvios, de decadência e novos arranques – dentro da Ordem, dos seus ramos e fora dela, na cristandade e para além dela. O espírito de Deus sempre consegue avivar a chama que está se extinguindo e fazer o coração arder, como fez com os discípulos de Emaús.

É por isto que a memória de São Francisco e de todos os Santos não é um culto de mortos. Ela só tem valor, se tivermos um encontro vivo com os Santos. A “comunhão dos Santos”, não a conseguimos numa visita ao cemitério, mas num encontro com a “vida em plenitude” (Jo 10,10) que estamos buscando aqui e agora numa vida sem o deprimente pavor diante da morte, destruidora de tudo que teve sentido e validade em nossos dias, numa vida sem aquela dúvida que já não acredita em amor e fidelidade, em justiça e retidão.

Quem arrisca sua vida sem a convicção de que ela vale a pena ser vivida? Não interessa dinheiro, privilégio e status. Interessa saber se a nossa vida tem sentido e se ela alcança sua forma madura. A memória dos Santos tem a ver com “perspectiva de vida”.

Já ouvimos duas destas perspectivas de vida. Cada um em particular e cada época são convidados a deixar se desafiar por elas novamente e a dar uma resposta, bem pessoal: viver o evangelho, seguir Jesus, a saber, em comunidade. Para pessoas com carisma franciscano significa construir uma comunidade, em que se partilham a vida

entre irmãos e irmãs. Viver o evangelho é a continuação do ato de ouvir com outros meios: com o agir. O evangelho ativa as mãos e os pés: mãos que tocam em coisas que outros têm nojo de pegar; pés que enfrentam caminhos que a maioria evita andar.

Viver o evangelho é prioritário; é mais importante do que tudo que falamos sobre Deus, mais importante do que toda pregação. Só o evangelho vivido é teste de validade de todas as grandes palavras, de todos os projetos e regras que os homens gostam de inventar – para os outros viver.

Francisco não fez programas de reforma. Simplesmente seguiu a sua certeza interior: “O Senhor mesmo me mostrou o que eu devia fazer!” Sua mensagem era só esta: Viver a exemplo de Jesus! Em meio a uma crise séria de confiabilidade da igreja e da vida religiosa sentimos a necessidade e a urgência de mostrar o que significa conversão e penitência. Este tempo e este mundo precisam ver o que quer dizer arrependimento do bem que omitimos e do mal que praticamos.

Para seguir Jesus não basta jurar fidelidade a um sistema. Ser fiel é outra coisa do que jurar. Votos têm mais força do que juramentos. Para alguns, o seguimento de Jesus começa com a pergunta: “Que queres que eu faça?” Para outros, começa com uma surpresa que é presenteada a olhos que veem e a corações que escutam: É isto que procuro, é isto que quero!

A voz do evangelho, hoje em dia não é mais silenciosa do que naquele tempo. Os leprosos gritam do mesmo jeito. Os que não têm voz ou são proibidos de falar nos desafiam do mesmo modo. A sensibilidade para estas vozes vai provar se somos apenas ouvintes da palavra que se fez carne e cuja face humana nos interpela no próximo: “O que fizeram ao mais humilde, a mim o fizeram”. A missão mais importante do anúncio cristão e da diaconia social da igreja é manter viva esta sensibilidade pelo sofrimento.

Para estar perto de Deus preciso me inclinar sobre o pobre e reconhecer no seu rosto a face do Redentor. Hadrian Koch OFM

Hadrian W. Koch OFM



Perspectivas franciscanas

Anton Rotzetter OFMCap



Não ao consumismo. Uma cultura de partilha e solidariedade.

“Os comportamentos do homem frente ao meio ambiente influenciam o modo como ele se trata a si mesmo, e vice-versa. Isto desafia a sociedade para examinar o seu estilo de vida que em muitas partes do mundo tende ao hedonismo e ao consumismo e nem se importa com os prejuízos dali oriundos. É preciso mudarmos para uma mentalidade que nos leve a assumir novos modos de viver, nos quais a busca pela verdade e beleza, pela bondade e união com os outros por um crescimento comum sejam os critérios que norteiam o consumo, a poupança e os investimentos”. Cada ofensa contra a solidariedade e a amizade causa danos ao meio-ambiente, do mesmo jeito como os prejuízos ecológicos causam distúrbio nas relações sociais. No nosso tempo, a natureza é de tal modo integrada na dinâmica dos processos sociais e culturais, que já perdeu o seu próprio ritmo. A crescente desertificação e a espoliação de algumas regiões rurais são também o resultado do empobrecimento das populações ali residentes e do seu atraso. O progresso econômico e cultural daquelas populações traz benefício também para a natureza. Ademais, quantos recursos naturais são destruídos pelas guerras. A paz dos povos e entre as nações iria permitir maior proteção para a natureza. A compra dos recursos, mormente da água, pode levar a sérios conflitos dentro do povo atingido. Um entendimento pacífico sobre o uso dos recursos pode proteger tanto a natureza como o bem estar das sociedades em questão”. Bento XVI – Caritas in veritate 51

Nos documentos de Vaticano Segundo não se acha o conceito de consumo ou de consumismo. Mas de lá para cá a consciência do problema no contexto do consumismo cresceu, tanto assim que Bento XVI não pode deixar de denunciar o comportamento consumista que destrói a natureza e o ser humano, e de apontar para modos de vida que poupem os recursos.

No fim das contas, trata-se de uma cultura da partilha e da solidariedade, como Francisco a esboçou na sua visão da pobreza e da criação. Isto é um forte imperativo para reduzir e renunciar, em nome do ser humano e em nome das outras criaturas. Devemos considerar os seguintes aspectos:

1. A prioridade de atividades não desgastantes diante do trabalho. Mesmo que o trabalho seja para Francisco uma coisa imperiosa, ele não deve levar ao enfraquecimento da vida interior, da alma e das forças do coração. (Regra bulada 5) Mais importante para o Santo é a DEVOTIO, o que se traduz com entrega e fervor. Mas a gente também pode defini-la como presença personalizada, como empatia ou atenção ou como percepção do caráter misterioso que dorme em todas as coisas criadas. Além disto, se diz do trabalho que “o espírito da oração não deve ser sufocado”. Com outras palavras: o ser humano, para realizar sua essência, precisa tender ao infinito. Ele só defende o que é seu, se estiver enraizado na transcendência, dialogando com Deus como Tu; pois só Deus faz dele uma pessoa com dignidade intocável. Só assim o trabalho não o escraviza. A mesma coisa vale também para o trabalho mental, o estudo da teologia. O esgotamento, (burn out) que hoje atinge tantas pessoas, é o resultado de um consumismo que se consome a si mesmo. Meditar, escutar, cantar, praticar a música, degustar, contemplar, orar, refletir: são estes os exercícios que contribuem para uma vida prazerosa que satisfaz. Sem isto iremos dilapidar

os recursos naturais, como também os animais e o próprio homem. Francisco, portanto, não define o homem pelo trabalho e, sim, pelo que antecede ao trabalho.

2. O contrário do estar ocupado (neg-otium) é o ócio (otium), a folga. Na tradição monástica e ascética, a folga infelizmente foi vista com maus olhos. Ela é chamada porta de entrada do demônio. Francisco, do mesmo jeito, diz que o ócio é o inimigo da alma (Regra bulada 5), citando São Jerônimo e São Bento. Esta visão da folga precisa de uma correção. Na antiguidade, a visão era positiva: a folga é expressão da liberdade, lugar da inspiração e da dignidade experimentada. O trabalho fica para os escravos e é visto como algo vulgar. A esta concepção o cristianismo se opôs num lento processo, dando a mesma dignidade a livres e escravos e dando valor ao próprio trabalho. Assim mesmo, no séc. 5, os trabalhos manuais ainda eram considerados atividades que não se podiam ofertar como dons que fossem dignos de Deus. Só no séc. 9 o trabalho manual conquistou esta dignidade. Francisco fala da “graça de poder trabalhar” (RB 5), e mesmo o trabalho pesado é bem vindo, para a pessoa poder se solidarizar com as camadas sofridas da sociedade. (Testamento 21) Este foi o testemunho cristão pelos séculos afora. Mas com o tempo, a sociedade se arvora para definir o ser humano só pelo trabalho. Para ser gente, precisa trabalhar. O desempregado não é bem gente. – Considerando que não haverá trabalho para todos, e sabendo que o trabalho produz bens de consumo num exagero que ultrapassa de três a oito vezes a capacidade dos recursos naturais, só podemos constatar que o trabalho deve ser reduzido radicalmente. Assim as Ordens e a Igreja têm a missão de não mais definir o ser humano pelo trabalho e, sim, pelas atividades não consumistas que acima foram mencionadas. E esta seria a graça que Deus lhes dá nos dias de hoje.

Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção, de maneira que afugentem o ócio, inimigo da alma, e não percam o espírito de oração e piedade, ao qual devem servir todas as coisas temporais. (RB 5)



África – Alemanha

Nairóbi – Dortmund

A memória de Francisco e Clara há de enriquecer o engajamento múltiplo da Família Franciscana na África.



Papa Francisco: Para mim, Francisco é o homem da pobreza e da paz, o homem que ama e conserva a criação. Ah, como eu gostaria uma igreja pobre, para os pobres.

Em janeiro teve visita na Missão Franciscana em Dortmund. Frei Andreas Müller, promotor apaixonado do curso internacional de espiritualidade franciscana, frei Hermann Borg, coordenador do curso na África, junto com frei Heinrich Gockel que durante muitos

anos promoveu o curso na África e hoje colabora na Missão Franciscana em Dortmund. Foi discutido como se pode avivar e melhorar o aproveitamento deste valioso instrumento de formação naquele continente.

Para este ano estão programados dois jubileus na África: O seminário de Molo, há 25 anos atrás em Quênia, e o congresso internacional de Assis, há vinte anos atrás, no qual estava presente uma comissão da África. Da memória destes dois seminários que foram grandes impulsos em Quênia e na África em geral, poderia resultar um novo ânimo para retomar as lições do CCFMC. Olhando para Francisco e Clara, poderíamos enriquecer as mais variadas atividades sociais e pastorais da Família Franciscana. Debruçando-nos sobre a espiritualidade franciscana, poderíamos apoiar as inspirações do Papa Francisco e fazê-los valer para o continente africano. Na conferência para os jornalistas (16 de 3 de 2013) o Papa explicou o que Francisco de Assis significa para ele: “Para mim, Francisco é o homem da pobreza e da paz, o homem que ama e conserva a criação. Ah, como eu gostaria uma igreja pobre, para os pobres”.

No site: http://www.pt.ccfmc.net/images/Um_Projeto_fascinante.pdf

Frei Andreas Muller descreve a história e a significância do Curso básico de Carisma franciscano missionário. Nunca é demais recordar isto.

Frei Heinrich Gockel

<http://m-e-net.org/>



Mother Earth Network



Ásia

Filipinas - Malásia



Filipinas – Iniciativas do CCFM para o Ano da Fé.

De 24 a 27 de novembro de 2014, no Centro Interfranciscano de Paenaan, teve um curso de formação progressiva com 25 participantes.

O tema foi: uma chamada para uma formação abrangente da fé. Uma resposta franciscana para a Nova Evangelização. O programa foi vivo, dinâmico e inspirador.

Em Malásia teve um seminário com o tema: Vem e reconstrói minha igreja.

O assessor do seminário, frei Gerry Lobo, colocou como inspiração o texto da **Carta a toda Ordem dos Frades Menores**. Toda Ordem assumiu o compromisso do Concílio Vaticano Segundo de reinterpretar o próprio carisma para renovar o zelo missionário. Isto significa concretamente: Escutar, viver e anunciar o Evangelho.

